

ANDRÉA DE NARDI GONZALEZ

Uma proposta de capoeira para o ensino escolar

Campinas-1995

ANDRÉA DE NARDI GONZALEZ

Uma proposta de capoeira para o ensino escolar

Monografia apresentada
como
exigência parcial para
obtenção do título de
Licenciada em Educação
Física da Faculdade de
Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas - UNICAMP, sob
orientação do Prof. Dr. José
Júlio de Almeida Gavião.

Campinas-1995



*O que é aquilo? É luta?
É dança? É teatro? Ou o quê?
É o prazer de se libertar e se expressar.
Surge através do corpo e da alma.
Meu irmão, é a festa de um povo.
Brasileira ... ela é a capoeira!!!*

Caetaninho

*Dedico este trabalho para meus amigos
que sempre me incentivaram, para a
Bia, Agnes e Eva pela compreensão e
estímulo, para o Tulé, que foi quem me
iniciou na “arte da malandragem” e
para o Eduardo, pela ajuda e paciência.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
A HISTÓRIA DA CAPOEIRA	4
A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	11
1. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	17
1.1. A época imperial	17
1.2. A época republicana	19
1.3. Resumo ilustrativo	21
2. A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	22
2.1. Educação Física: uma visão pedagógica	23
2.2. Educação Física escolar numa abordagem cultural	25
A CULTURA POPULAR	28
O FOLCLORE	30
CONCLUSÃO	34
Bibliografia	36

Por ser praticante e simpatizante da capoeira, e vendo-a como possibilidade de uma prática dentro do sistema escolar, mais especificamente da educação física, é que resolvi desenvolver este tema em um trabalho de monografia.

Comecei a dar maior atenção à capoeira, no sistema educacional, por ser uma prática rica em movimentos corporais e pertencente a nossa cultura popular, usando o termo cultura como suporte de uma "idealização romântica" da tradição (Arantes, 1987).

A capoeira na educação física, pode ser considerada como uma parcela do contexto da educação geral. Ela contribui para a formação de valores dos alunos e favorece o espírito crítico reflexivo da nossa realidade.

Tudo o que acontece hoje é fruto de manifestações sociais, políticas, econômicas e culturais do passado.

" Assim, entende-se a capoeira no panorama da educação física, não só como uma redundância aos aspectos fisiológicos; seus objetivos vão mais longe. fazer uma verdadeira educação que crie condições para os educandos se tornarem sujeitos de sua própria história, conscientes das coisas que os cercam (...). " (Santos, 1990, p.29)

Não só por ser um acontecimento do passado, com seus valores históricos e sociais, mas sim, por ser uma manifestação cultural presente até hoje em algumas regiões do Brasil, é que a capoeira deve atender ao âmbito da educação.

"Embora nos ensinemos a ter um modo de vida refinado, civilizado e eficiente, não conseguimos evitar que muitos objetos e práticas, que

qualificamos de 'populares', pontilhem nosso cotidiano" (Arantes, 1987,p.20)

A Educação Física deve dar a oportunidade ao aluno conhecer os elementos que integram a sociedade e neles intervir, transformando-os de acordo com seus anseios.

Neste trabalho, utilizei de levantamentos bibliográficos a respeito da capoeira e da história da educação física no mundo, dando maior enfoque à educação física no Brasil. Além disso, reporte-me à educação física como sendo um meio, dentre muitos, através do qual o aluno possa conhecer os elementos da situação em que está presente, e nela interferir.

Visualizei a educação física numa abordagem cultural, porque podemos perceber, ao longo da história da educação física, que toda as atividades corporais, e mais tarde os esportes, possuem características próprias, que são determinadas de acordo com a cultura de cada povo em cada época, cada qual com o seu significado. É o exemplo da caça, do nado, da corrida, nas primórdios da humanidade, até os Jogos Olímpicos na atualidade. O mesmo acontece com a capoeira.

A literatura especializada trata a capoeira como cultura popular e/ou folclore, cuja conceituação varia de autor para autor. Por esse motivo, apresentei conceituações de dois assuntos, cada qual com um autor, para tentar adotar uma das posições. Refiro, neste trabalho, a capoeira como sendo uma cultura popular dentro do sistema educacional, apesar de reconhecê-la como folclore dentro de uma sociedade distinta. No entanto, essa discussão fica para uma pesquisa posterior, mesmo porque este não é o objetivo do trabalho aqui apresentado. Pretendo, sim, mostrar a capoeira como um dos conteúdos que podem ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física, sem apresentá-la como esporte, e sim como uma manifestação

cultural, que possui seus significados dentro de um contexto histórico, além de ser uma prática com uma enorme gama de movimentos.

Espero que no decorrer da leitura, fique claro para o leitor a proposta do ensino da capoeira no sistema escolar e sua importância dentro da formação motora e intelectual do aluno.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA

capoeira, s.f. (capão + eira). 1. Espécie de gaiola grande ou cubículo onde se alojam ou criam capões e outras aves. 2. Pátio onde fica criação. 3. Espécie de cêsto com que os defensores duma fortaleza resguardam a cabeça. 4. Reg. (R.G. do Sul). Jacá para transportar galinhas. 5. Escavação guarnecida de seteiras.

capoeira, s.f. (tupi caá-puêra). 1. Mato ralo, de pequeno porte, que nasce em lugar do mato velho derrubado. 2. Reg (Sul). O mesmo que uru, acepção 1.3. Espécie de jôgo atlético tradicional no Brasil e mais violento que a savate, em que os contendores às vêzes empunham facas e navalhas. S.m. Indivíduo que praticava êsse jôgo.- C. grossa: espécie de capoeira onde crescem árvores altas e copadas. C.rala: terreno roçado anualmente, onde a vegetação é quase tôda de arbustos e ervas.

Nôvo Dicionário Brasileiro/ Melhoramentos

Capoeira, segundo ⁽¹⁹⁷⁴⁾ Areias, “é luta, dança, briga, defesa pessoal, esporte, cultura, arte, folclore e muito mais”.

Para entender melhor o que é a capoeira e qual o seu significado enquanto cultura popular, é preciso voltar às suas origens dentro do processo histórico, social, cultural e político brasileiro.

Com o descobrimento de novos horizontes pelas potências européias, veio junto a escravidão, onde os negros-escravos eram trazidos pelos navios à nova “Terra de Santa Cruz” para trabalhos forçados nas terras dos senhores de engenho.

*"Um certo dia,
eu parei admirado,
para ver a capoeira.
E parecia uma dança engraçada,
vieram todos açoitados,
meia-lua e cabeçadas.
E me falaram,
que é luta de escravo,
e muito triste e magoado,
vieram todos açoitados,
dentro do navio negreiro,
amarrados no porão..."*

(ladainha tirada da fita sonora)

Revoltados com as condições de vida nas senzalas, os maus tratos, o cansaço e os castigos, os negros tentavam se libertar destas situações das mais diversas formas, desde a fuga incerta, o suicídio, até a morte do seu opressor.

Com a invasão holandesa (1624-1630), os senhores de engenho e governantes ficaram preocupados em expulsar os holandeses da nova terra conquistada.

Os escravos percebendo a atenção voltada para este fato, se organizavam e fugiam para as matas e agrestes nordestinos, formando os quilombos, cujo mais famoso foi o Quilombo dos Palmares, que abrigavam os negros fugitivos. Eles criavam forças para um único objetivo: se rebelar contra a escravidão.

*"(...) e então, em ânsia de liberdade,
se livraram da prisão.
E criaram muitos redutos,
cujo nome era quilombo,
chefiado por Zumbi,
o senhor lá de palmares(...)"*

(ladainha da fita sonora)

Eram nesses quilombos, que floresciam as manifestações culturais dos negros.

Com a expulsão dos holandeses, as atenções dos senhores e governantes, voltam-se para a recuperação dos negros fugitivos, tarefa organizada pelos "capitães-de-mato" (Areias, 1984, p.15) e seus grupos.

*"Iaiá, ascende o candieiro, iaiá,
só a luz ofuscante da candeia,
e o clarão da lua cheia,
é que faz o terreiro clarear.
Hoje tem festa,
no Quilombo dos Palmares
E assim ouvi pelos areia,
o som estridente do tambor
Ioiô, num rabo-de-arraia acertei,
num jogo de angola arrastei,
me cobre com a cobra coral.
Uma ligeireza dum raio,
destreza fundamental,
quem paga o pato e o capitão-do-mato,
na luta do bem contra o mal(...)"*

(ladainha tirada da fita sonora)

Sem armas para lutar, os negros precisam achar uma forma de enfrentarem seus inimigos, encontrando no próprio corpo a essência da sua arma. Para isso,

utilizaram-se de movimentos corporais, cerimoniais e ritualísticos da terra natal, a África. Surge assim a Capoeira de Angola.

Os negros que eram capturados, voltavam às senzalas no final do dia de trabalho e antes de dormirem, se reuniam e “praticavam” a capoeira, para aprimorar seus golpes e treinar para uma futura rebelião. Para que não se percebesse esse treino, os negros introduziram a ginga entre os golpes, as palmas, a musicalidade, para que parecesse um tipo de ritual e não levantar nenhuma suspeita. Quando o senhor de engenho, ou seus capachos se aproximavam, sob o toque do berimbau, essa aproximação era avisada, e o que era “treino”, passa a ser uma dança, um ritual aos olhos dos não escravos.

“Era o ritmo da música e o passo da dança disfarçando o perigo da luta” (Areias, 1984, p.26).

*“É ajuda eu, berimbau,
ajuda eu a cantar,
Preto Velho no tempo do cativo,
trabalhava o dia inteiro.
Na senzala a matutá,
numa maneira,
de domingo no terreiro.
Capoeira e sua dança oculta(...)”*

(ladainha tirada da fita sonora)

O capoeirista usa o termo “vamos jogar capoeira”, pelo fato da capoeira se apresentar como um jogo, uma brincadeira de escravos para o feitor, e não como uma luta.

O que acompanha um jogo de capoeira são a luta-dança, as ladainhas, os cantos e os instrumentos (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco, afoxê).

Com a abolição da escravatura e a libertação dos negros, estes se viram “soltos”, sem nenhuma perspectiva de trabalho e, conseqüentemente, de dinheiro para sua subsistência.

Com este fato social, surge a capoeiragem como forma de obter dinheiro em praças e lugares visitados por estrangeiros (pontos turísticos), já que como tinham todo o tempo do mundo, se reuniam e formavam rodas de capoeira.

Houve outros grupos que usavam da capoeiragem para a malandragem, assaltos e outros fins agressivos para conseguirem dinheiro.

*“(...) o suor do seu peito
Fez escorrer o preconceito
Já foi luta marginal
E hoje é arte nacional (...)”*

(Silva, 1995, p. 237)

Os capoeiras também eram utilizados com finalidades políticas, por filhos e protegidos de personalidades ilustres para fazerem “arruaças” em discursos políticos nas praças, por exemplo.

Devido a essas “arruaças”, os capoeiristas são novamente perseguidos e presos, pegando penas na prisão de acordo com as infrações, a fim de se manter a ordem política e social do país.

*"Tê, tava em casa,
sem pensar, sem imaginar.
Quando ouvi bater na porta,
delegado mandou chamar.
É verdade meu colega,
com toda a diplomacia,
prenderam seu capoeira,
dentro da secretaria,
pra dar depoimento..."*

(ladainha tirada da fita sonora)

Em 1930, há a queda do governo republicano através da revolução “Nacionalista” comandada por Getúlio Vargas, convocando a população a participar da reconstrução do país. Nesse contexto político, são liberadas em 1932 as manifestações populares, dentre estas a capoeira, que só poderia ser praticada livremente se desvinculada de qualquer ato marginal ou agitador. Poderia ser apresentada como espetáculo em festejos populares e folclóricos. Como luta, deveria ser exercida apenas como defesa pessoal e esporte, praticada em locais fechados e conduzida por pessoas de bem. Surgiram, assim, as primeiras academias.

Em 1936, mestre Bimba, originário da Bahia, é chamado para ir ao Rio de Janeiro, grande pólo da capoeira e de divulgação, para apresentar a arte da capoeiragem baiana. Tendo contato com outras lutas no Rio de Janeiro, aproveitou-se de elementos destas lutas para aplicar na capoeira, criando um jeito mais “agressivo” de se jogar capoeira, sendo esta, então, denominada de Capoeira Regional, com raízes na capoeira de angola.

Também em 1936 ocorre uma apresentação no Palácio do Governo, para um grupo de amigos e convidados do governador da Bahia, general Juracy Magalhães,

7
como apresentação de uma parte da nossa herança cultural. No mesmo ano a capoeira é oficializada pelo governo da Bahia como instrumento da Educação Física.

A capoeira hoje faz parte do currículo escolar baiano, além de outros estados como Goiânia, e é uma das disciplinas ministradas pelo professor Luís Vítor C. Júnior e pelo Mestre Itapuã, para alunos do curso de Educação Física na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo a disciplina dividida em Capoeira I e Capoeira II, no primeiro e segundo semestre do curso, respectivamente.

Na década de 60, apareceu o estado de repressão. As forças do pensamento liberal e democrático se destacavam e a capoeira, como outras manifestações culturais, começava a ser apreciada por setores do pensamento democrático, como liberdade de expressão.

As academias se proliferaram pelas cidades e seus freqüentadores multiplicaram-se como ponto de encontro da elite cultural, da juventude “revoltada”.

Surgiu, no governo Vargas, a criação da Federação Paulista de Capoeira, apoiada pelas autoridades oficiais com o objetivo de reunir e integrar a capoeira à ideologia política da ditadura vigente, “tendo consciência da força e do poder de penetração das artes em geral e das manifestações populares como forma de expressão da massa” (Areias, 1884, p.76).

Essa Federação, pretendia deixar a capoeira como um “Kung-fu brasileiro”, com regras, competições, descaracterizando a capoeira na sua essência, como instrumento de manifestação e expressão de uma classe oprimida.

CAPÍTULO II

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

educação, s.f. (l.educatione). (...) 2. formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo.

Nôvo Dicionário Brasileiro/ Melhoramentos

Desde a pré-história, observa-se a prática de atividades físicas, inserida na cultura primitiva econômica, social e política.

A alimentação é o pré-requisito de sobrevivência de todo ser humano. A milhões de anos atrás, o alimento só era obtido através da caça e da pesca. Para isso, faz-se necessária a prática da corrida e da natação, respectivamente, de modo eficaz, afim de conseguir a captura da presa. Essas práticas nada mais são do que atividades físicas, que dependem do movimento.

Percorrendo a história, encontramos os grupos nômades. Os nômades são tribos ou povoados que sempre se deslocam em busca de alimentos, pastagem, etc., quando estes já se apresentam escassos, por isso, os nômades eram sociedades avançadas enquanto técnicas de agricultura, por exemplo, e possuíam uma maior organização social. Percebendo que o local em que se fixaram já não oferecia mais terras produtivas, essas sociedades organizadas "levantavam acampamento" e

migravam para outras terras, a fim de manter a subsistência do grupo. Em meio as peregrinações, eram inevitáveis os combates por posse de terras em povoados já fixados. Nestas batalhas, a posse da terra ficaria com o grupo que vencesse o combate, conseqüentemente o que tivesse melhor preparação física.

Nos tempos dos faraós, as tumbas, descobertas por historiadores, apresentam figuras gravadas em suas paredes. Essas figuras mostram soldados como força de batalha em defesa da civilização egípcia. Os soldados, provavelmente passavam por um treinamento físico, para atingir a destreza, agilidade e principalmente força, suficientes à vitória destas batalhas.

Ainda, há 6.000 anos, surge uma nova forma de vida, não em termos biológicos, mas em termos culturais. A cultura do povo primitivo evoluiu de uma forma tal, que pode-se considerar criado "um novo período da história: a Antigüidade Oriental" (Vitor Marinho, 1983, p.17).

A educação física, nesse período, não aparece como uma educação física científica, mas sim como uma Educação Física com finalidades distintas: guerreira, esportiva, terapêutica e educacional, tendo sempre a religião como pano de fundo. É uma educação física dualista, que separa o corpo da alma, tratando o Homem como possuidor de duas partes distintas: corpo e alma.

Do que se sabe na Antigüidade Oriental, os chineses aparecem como os primeiros a racionalizar o movimento humano. É o exemplo do Kung-Fu, que se formou como sendo uma ginástica terapêutica, com um conteúdo médico. A prática hindu conhecida como yoga, também é um exemplo de racionalização do movimento. A yoga nada mais é do que uma ginástica de posições, que se utiliza de uma respiração adequada, e trabalha com o corpo físico, pelo sistema *hata-yoga*.

Fonte

É na antigüidade oriental que sumários, caldeus, babilônios e assírios também apresentam aspectos guerreiros, onde a educação física servia para avaliar o nível de assimilação do treinamento físico dos jovens.

Os chineses também se mostraram possuidores da história dos esportes, através da caça, do nado, da luta, da esgrima e do hipismo, influenciando a Educação Física do Extremo Oriente.

Foi, porém, em um novo mundo civilizado, o ocidental, que se deu o início autêntico da educação física: a que não desvincula o corpo da alma. Isso se deu graças aos gregos, que tinham uma filosofia pedagógica com princípios humanistas.

Por ser uma época de tempos heróicos, a educação era tipicamente guerreira. É nesse período da história que aparecem os "jogos fúnebres", os conhecidos Jogos Gregos, "disputados" em arenas.

A formação das cidades-estados, ocorre em 800/500 a.C.. Esparta e Atenas são as mais conhecidas. Esparta é a cidade mais desenvolvida da época. A educação espartana foi totalmente voltada para os ideais guerreiros. Um exemplo disto está no fato de que as crianças que nascessem com qualquer tipo de deficiência, eram condenados à morte, demonstrando uma sociedade preocupada em criar pessoas "sãs" para a defesa da cidade. Já em Atenas, a educação não era eminentemente militar. A prática esportiva era usada como um meio para a formação total do homem, inclusive a intelectual.

Com o período humanista, que compreende o ano de 500/338 a.C., surge a Filosofia e a Pedagogia. A Educação Física passa a ter um cunho científico. É o que se observa nos dizeres de Aristóteles:

'a ciência da ginástica deve investigar quais exercícios são úteis ao corpo, segundo a constituição física de cada um' (Marinho, 1983, p.26).

Acontece o declínio da civilização, e a prática da educação física perde os seus ideais humanistas. Ocorre, então, a profissionalização do esporte.

É na Roma Antiga que essa profissionalização acaba por "deprestar" o esporte. É o conhecido período da política "pão e circo". Os imperadores distribuía "ração" para a plebe, que ia aos "circos" e anfiteatros, cujo o mais conhecido é o Coliseu, assistir as lutas travadas entre os gladiadores contra animais e contra eles mesmos. Desse modo, os imperadores esperavam ganhar a popularidade daquela gente que era miserável; os plebeus.

Com a divisão do Império Romano, começam a acontecer as invasões bárbaras. A igreja foi a instituição que mais resistiu a estas invasões. Possuidora de ideais voltados para a vida celestial, novamente o físico foi desvinculado do intelectual, onde só convinha a saúde da alma, com um descaso total das coisas naturais. É o período conhecido como Idade Média, que é dividida em Alta Idade Média, que vai até o século X e que não dá nenhuma importância para o lado cultural, e a Baixa Idade Média, que começa no século XI e vai até o século XV. É no século XIII que aparece a criação das Universidades; o prelúdio do Renascimento.

Na época medieval, o feudalismo se apresenta como sistema político-social-econômico do século IX. A única preocupação com atividade corporal estava voltada para o cavaleirismo. O atletismo dos gregos deu lugar aos jogos com bolas, que passaram a ser os esportes medievais.

Com a decadência do feudalismo no início do século XIV surge o Renascimento, que foi um movimento "intelectual, estético e social" (Marinho, 1983, p.36). Toma lugar o redescobrimento do individualismo do homem: é o antropocentrismo contra o teocentrismo medieval. Foi nessa época que se deu um grande salto ao estudo científico da educação física, que teve sua preocupação voltada tanto para a parte estética como para a pedagógica. O primeiro tratado de biomecânica veio desse período, escrito por Da Vinci- *Estudo dos movimentos dos músculos e articulações*.

Em meados do século XVIII temos fundamentado o início de uma educação física escolar, onde "Basedow fundou em 1774, na Alemanha, o primeiro currículo escolar onde a ginástica e disciplinas intelectuais tinham o mesmo peso". Muitos outros, baseados nos pensamentos de Rousseau, que tinha uma tendência naturalista, contribuíram para a afirmação da educação física na época.

No séc.XIX, dá-se destaque às revoluções Industrial e Francesa. A criação de máquinas, em substituição aos trabalhos manuais, fez com que os funcionários ficassem muitas horas sentados em frente das máquinas, acarretando erros posturais. Conseqüentemente, a educação física passou a ter maior importância, pois foi um meio, não de resolver, mas de amenizar os problemas posturais. O advento da máquina ocasionou o crescimento das cidades, mas por outro lado, a diminuição de espaços para atividades físicas. Quatro correntes se destacaram nessa época: a alemã, a sueca, a francesa e a britânica.

Na Alemanha, dá-se destaque ao modelo ginástico de cunho patriótico-social, onde "*os exercícios físicos não eram meios de Educação escolar, mas sim de Educação do povo*" (Marinho, 1983, p.41). Foi daí que se deu a origem dos aparelhos da, hoje conhecida, ginástica olímpica.

A derrota da Suécia para a Rússia, em virtude de uma guerra, fez com que a ginástica fosse usada com uma forma de levantar a moral do povo sueco. Em 1813 foi fundado o Real Instituto Central de Ginástica de Estocolmo, hoje a Escola Superior de Ginástica e Esporte, sendo que a ginástica tinha que ser executada com a maior perfeição possível.

A corrente inglesa foi a única que não seguiu para o caminho da ginástica, onde o esporte é que tinha uma conotação educativa dentro do processo pedagógico-social inglês.

Porém, a corrente francesa é que deu base à Educação Física brasileira. A ginástica foi introduzida na França por militares, que apesar de não terem nenhuma preparação pedagógica, ministravam as aulas de Educação Física nas escolas, com o objetivo de desenvolvimento de força muscular. A influência da ginástica francesa na educação brasileira, se deu pela criação do instituto de ginástica do Exército francês em 1852, na escola de Joinville-le-Pont (Marinho, 1983, p.43).

O século XX representa um dos maiores avanços em termos de ginástica. A ginástica passa a ter contribuições da dança, do teatro e da música, e os movimentos se tornaram naturais e espontâneos. Essas mudanças foram transferidas para a Educação Física.

Na década de vinte, a Áustria mostrava uma ginástica com exercícios naturais executados ao ar livre, porém em 1933 Hitler assume o poder e a ginástica volta a ter um cunho patriótico-social para a preparação militar.

Em 1922, os suecos criaram a *ginástica para todos* com uma tendência médica (estudos sobre fisiologia e biomecânica), objetivando atingir toda a população.

No final da década de 30, são realizados congressos internacionais de Educação Física, promovendo um grande intercâmbio pedagógico cultural, desaparecendo a característica nacionalista, até então, da ginástica.

1. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Para falar da Educação Física no Brasil, é necessário voltar ao passado e conhecer o seu percurso no decorrer da história.

A colonização ocupa grande parte da história do Brasil. A Educação desde essa época se mostra subdesenvolvida, e assim permanece até os dias atuais. Com a Educação Física não é diferente. Há pouco tempo é que se percebe uma preocupação em definir a personalidade da Educação Física, quais os seus objetivos e suas qualidades.

1.1. A época imperial

Pelo que se sabe, os índios que aqui habitavam, não contribuíram muito para a história da Educação Física brasileira, por ser um povo nômade e não encontrar tempo disponível para desenvolver alguma espécie de atividade que hoje seja reconhecida como "esporte". As atividades usadas no dia-a-dia pelos índios eram basicamente a caça, a pesca, a natação, a montaria, a canoagem, as corridas, o arco e a flecha. Todas essas atividades eram desenvolvidas como meio de sobrevivência para a obtenção de alimentos. "O jogo de peteca foi a única contribuição original dos nossos indígenas ao universo esportivo nacional" (Marinho, 1983, p.50).

É em 1549 que se inicia a história da Educação brasileira. Realizada pelos jesuítas, a educação tinha como finalidade catequizar os índios e convertê-los ao catolicismo. Era uma educação eminentemente religiosa. Essa educação só era possível através das missões às aldeias indígenas. Fora das missões, o ensino nos colégios era destinado à classe dominante. Tratava-se apenas dos interesses colonizadores da colônia, e não os locais. Apesar dos cerca de duzentos anos que os jesuítas passaram por aqui, não houve sequer a criação de uma Universidade, quanto mais a preocupação de uma Educação Física.

A preocupação com a Educação Física, se dá por volta de 1824, já na fase imperial, onde os primeiros livros que se têm conhecimento do assunto, tratavam da eugenia, gravidez e puericultura (arte de assegurar o perfeito desenvolvimento físico, mental e moral da criança, desde a gestação até a puberdade). Em 1851 entra na legislação a obrigatoriedade da ginástica nas escolas primárias da corte, no Rio de Janeiro, *fonte*.

O período imperial não proporcionou estímulos pedagógicos para as atividades físicas. Duas correntes nessa época distinguiram a Educação Física: a médica e a militar.

A comunidade intelectual, já mostrava interesse com relação à Educação Física, sendo da maior importância destacar a presença de Rui Barbosa que, em 1882 mostrou seus ~~pareceres~~ sobre a Reforma de Ensino Leôncio de Carvalho datado de 1879, que constituíram-se num pequeno tratado sobre Educação Física. Nessa época, a Educação Física era ministrada em salas de aula, em meio a carteiras e os professores davam suas aulas de paletó e gravata. Das recomendações citadas, destacam-se:

a) obrigatoriedade de Educação Física no jardim da infância e nas escolas primária e secundária, como matéria de estudos em horas distintas das do recreio e depois das aulas;

b) distinção entre os exercícios físicos para os alunos (ginástica sueca) e para as alunas (calistenia);

c) prática de exercícios físicos pelo menos quatro vezes por semana, durante 30 minutos, sem caráter acrobático;

d) valorização do professor de Educação Física, dando-lhe paridade, em direitos e vencimentos, categoria e autoridade, aos demais professores;

e) contratação de professores de Educação Física, de competência reconhecida, na Suécia, Saxônia e Suíça;

f) instituição de um curso de emergência em cada escola normal para habilitar os professores atuais de primeiras letras ao ensino da ginástica."

(Marinho, 1983, p.55).

1.2. A época republicana

Transcorrida a história, chega-se a época republicana. Após a Abolição e a Proclamação da República, houve uma preocupação mais sistemática com a Educação Física. Em 1884 o futebol foi importado da Inglaterra, superando, na década de trinta, a popularidade do remo, que era o esporte mais praticado e conseqüentemente o mais popular na época imperial. A natação, o basquete e o tênis também tiveram destaque nessa época. Em 1908 foi fundada a primeira academia de ginástica (Rio de Janeiro).

Com o 'Regulamento de Instrução Física Militar' os moldes das ginásticas alemã e sueca dão-se por extintas, tendo como modelo a ginástica natural francesa, veiculada pela Escola de Joinville-le-Pont. O método francês chegou ao Brasil por via de oficiais franceses, e foi adotado nas Forças Armadas, (se) tornando obrigatório nas escolas no ano de 1931, enquanto não se criasse um Método Nacional.

Em 1933, foi fundada a Escola de Educação Física do Exército, onde até então só haviam dois estabelecimentos especializados em educação física: uma no Rio (Centro de Esportes da Marinha) e em São Paulo (Escolas de Educação Física da Força Policial). No final dos anos trinta, é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, integrada à Universidade do Brasil. Com o Estado Novo, a Educação Física passa a servir como instrumento ideológico, consolidando a ditadura instalada.

Durante mais de duas décadas, foram seguidas rigorosamente as "regras" da ginástica natural francesa.

É com a vinda de professores estrangeiros com Rui Barbosa, que o programa de Educação Física escolar começa a ser alterado. Surge o "Esporte para Todos" (EPT), e que faz com que ocorra um redescobrimento do corpo, o qual havia se perdido durante os anos *hippies*.

1.3. Resumo ilustrativo

A seguir, temos um quadro apresentado na disciplina EL-502: *Educação Física Escolar* pelo Prof. Jocimar Daólio, onde é exposto, em uma ordem cronológica, o conteúdo a ser ensinado de acordo com o movimento do pensamento da Educação Física:

Movimento do pensamento humano	Cronologia	Conteúdo a ser ensinado
1. Movimento ginástico europeu	séc. XIX e início do séc.XX	exercícios militares, ginástica, jogo, esgrima, dança, equitação, canto.
2. Educação Física desportiva generalizada	a partir de 1940	Esporte- hegemonização do esporte com o conteúdo da Educação Física - reordenamento e hierarquização
3. Psicomotricidade	de 1970 até os dias atuais	Não se constitui num conhecimento a ser tratado, vez que organiza somente as chamadas <i>condutas motoras</i>
4. Cultura corporal ou cultura de movimento		Técnica 1º de Hildebrandt • concepções abertas a experiências • ginástica (científico e técnica - mente) , jogo, esporte, dança, lutas, acrobacias, outros

2. A EDUCAÇÃO FÍSICA

Chego agora em uma parte confusa, senão polêmica, sobre o que é a Educação Física, seus conteúdos e seus objetivos.

Há, segundo Mauro Betti, "1) os teóricos que propõem objetivos específicos, onde o desenvolvimento de categorias somáticas (habilidades motoras, etc.) é um fim em si mesmo; e 2) os que consideram o movimento corporal como um meio para atingir finalidades cognitivas e afetivo-sociais."

É a famosa discussão entre as facções da Educação Física do movimento e pelo movimento.

Go Tani é adepto da Educação Física do movimento, que possibilite ao aluno 'o desenvolvimento hierárquico do seu comportamento motor (...) através da interação entre o aumento da diversificação e complexidade, possibilitar a formação de estruturas cada vez mais organizadas' (Betti, 1991, p.283).

"Ao se partir do ponto de vista de que o movimento é o objeto de estudos e aplicação da Educação Física, o propósito de uma atuação mais significativa e objetiva sobre o movimento pode levar a Educação Física a estabelecer, como objetivo básico, o que se costuma denominar aprendizagem do movimento." (Tani et alii, 1988, p.64)

Por outro lado, João Batista Freire, que se baseia em Jean Piaget, é adepto da Educação Física pelo movimento. Basicamente, essa idéia resume-se em que a escola exige uma atividade simbólica, em contra partida com uma exigência do mundo concreto, com o qual o aluno se relaciona. A relação entre o mundo

concreto e as atividades simbólicas se dá através da ação corporal. Sendo assim, "o movimento poderia ser um instrumento 'para facilitar a aprendizagem de conteúdos diretamente ligados ao aspecto cognitivo (...) aprendizagem da leitura, da matemática e assim por diante'". (Betti, 1991, p.284)

Em um trecho de seu livro, Freire cita a educação corporal, como sendo um dos objetivos a serem alcançados pela Educação Física.

“No meu entender, a Educação Física não é apenas educação do ou pelo movimento: é educação de corpo inteiro, entendendo-se, por isso, um corpo em relação com outros corpos e objetos, no espaço. Educar corporalmente uma pessoa não significa provê-la de movimentos qualitativamente melhores, apenas”. (Freire, 1992, p.84)

A proposta deste trabalho, não é colocar o leitor em confronto a respeito dos valores da Educação Física, mas sim esclarecê-lo em relação às suas características e conceitos, e assim, oferecer subsídios para que este possa situar-se e posicionar-se entre uma e/ou outra facção.

2.1. Educação Física: uma visão pedagógica

A Educação Física, apresenta uma precariedade no que diz respeito a sua validade pedagógica, e a clareza dos objetivos da Educação Física.

A Educação Física, do jeito que ocorre hoje, parece ser uma disciplina em que as questões, em relação à sociedade, a realidade, aos sujeitos pertencentes desta sociedade, são inerentes a ela.

Voltemos ao passado, onde podemos observar o Homem sendo tratado como duas partes distintas: as idéias/o espírito, e o corpóreo. É o chamado idealismo de Platão, na época em que a aristocracia mantinha relações sociais escravagistas.

Mais tarde surge Descartes, que nada altera na dualidade do Homem, não vendo-o como totalidade/unidade.

Essa situação é observável na elitismo social-servo (senhores de engenho-escravos), onde o senhor possuía o domínio enquanto ao servo cabia a total obediência.

Essa sociedade tipicamente dualista foi que influenciou, hoje, na negação, na secundarização das atividades corporais, que entendo como sendo um dos elementos da Educação.

Vestindo a máscara de performance física, melhoria de rendimento, carregada de um biologicismo ou um biomecanicismo, a Educação Física perde o seu valor pedagógico, privilegiando o movimento orgânico, independente do contexto histórico-social em que está inserida.

~~Carmem~~ Lúcia (1986) cita a seguinte frase,

Idem

"Entendemos a educação como um processo que se caracteriza como uma atividade mediadora no seio da sociedade global e que tem por objetivo a promoção do homem; capacitá-lo mais e mais para conhecer os elementos de sua situação e de nela intervir, transformando-a no sentido da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens".

Significa dizer que a Educação Física, como parte constituinte das disciplinas que constituem o currículo, apresente o seu conhecimento particular, sem fugir do geral; seja um dos "instrumentos de acesso ao saber sistematizado".

Assim sendo, o saber corporal, deve ser apresentado, estimulado ao aluno, mostrando as possibilidades e limite do movimento humano. Este movimento é entendido como resultado, expressão, criação daquilo que o homem realiza socialmente no seu dia-a-dia.

Muitos pensam que a educação, por ter o movimento como material pedagógico, é voltada para a educação do físico, do corpo, um ato biomecânico.

É mais do que isso. Esse ato motor não é explicado pelos tratados fisiológicos, biomecânicos e sociais e com seus significados.

O que precisa-se deixar de lado na escola é esse dualismo mente/corpo que ainda perdura.

Aproveitando o pensamento de Sobral, citado por ~~Carmem Lúcia~~:

"(...) o termo físico em vez de ser aplicado ao território corporal pode ser referido à natureza dos meios utilizados e, então, a educação física passará como a disciplina para promover as transformações no concerto da educação (...)"

(Revista Brasileira de Ciências do esporte 7 (34) 89-92, 1986; p.90).

2.2.Educação Física escolar numa abordagem cultural

Apesar de todos os corpos serem iguais, por possuírem os mesmos componentes (músculos, articulações, etc.), uma certa atividade que cabe perfeitamente a um grupo de alunos, não cabe a outros. "Existe um arcabouço biológico semelhante a todos os seres humanos, mas que se expressa e se

desenvolve diferentemente dependendo das influências culturais" (Jocimar, 1993, p.52).

Daólio

Não se pode negar que há uma "interação dinâmica" no corpo entre o biológico e o cultural. O correr implica a utilização de determinados músculos, mas a maneira como se corre, a corrida, é variável de cultura para cultura.

As técnicas corporais, utilizadas em cada sociedade, são determinadas de acordo com as necessidades que esses corpos apresentam em diferentes momentos históricos. Sendo assim, como Jocimar Daólio (1993) cita o pensamento de Rodrigues (1986); "o corpo humano, como qualquer outra realidade do mundo, é socialmente concebido e a análise de sua representação social oferece uma via de acesso à estrutura de uma sociedade particular" (in Vilma, 1993, p.53).

A Educação Física, como sendo uma prática que trabalha com o corpo, deve estar atenta a essa importância cultural e partir do acervo cultural dos alunos, cujos movimentos têm significados e são culturais.

Significa dizer que se em uma determinada região os alunos brincam de peteca na rua, na hora de ensinar um saque, por cima, no voleibol, por exemplo, deve-se utilizar de um conhecimento corporal popular conhecida e não de um conhecimento sistematizado. Por que não aproveitar dos movimentos corporais utilizados no jogo de peteca, para aplicar no vôlei?

O mesmo acontece com a capoeira, onde o movimento conhecido como **Aú**, nada mais é do que a estrela, a qual as crianças executam no dia-a-dia, seja na escola, por intermédio das aulas de ginástica (artística e/ou olímpica), seja na rua, por pura diversão

As práticas esportivas são determinadas culturalmente, porém as técnicas destas práticas não devem deixar de lado as técnicas de movimento que o aluno já

tem. Ao aluno deve-se dar a oportunidade de usar de sua criatividade, capacidade de exploração, ao invés de limitá-lo a movimentos padronizados.

Ensinar a prática esportiva, está além do ensinamento de regras, técnicas e táticas. É necessário contextualizar essa prática na realidade sócio-cultural em que se encontra, mostrando como ela foi inventada, a que interesses culturais ela corresponde, o que ela representa, etc.

Não soube dirigir o meu tempo

CAPÍTULO III

A CULTURA POPULAR

cultura s.f. 1. Ato, efeito ou modo de cultivar. 2. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade; civilização. ξ **cultural** adj.

cultura, s.f. (1. cultura). 1. Ação, efeito ou maneira de cultivar a terra ou certas plantas. 2. Terreno cultivado. 3. Biol. Propagação de microorganismos ou cultura de tecido em um meio nutritivo preparado. 4. Biol. Produto de tal cultivado. 5. Utilização industrial de certas produções naturais. 6. Aplicação do espírito a uma coisa, estudo. 7. Desenvolvimento, que por cuidados assíduos, se dá às faculdades naturais. 8. Desenvolvimento intelectual. 9. Adiantamento, civilização. 10. Apuro, esmero, elegâncias. 11. V. culteranismo. 12. sociol. Sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade. -C. física: desenvolvimento metódico do organismo humano por meio da ginástica e dos desportos...C. geral: a constituída de conhecimentos básicos indispensáveis para o entendimento de qualquer ramo do saber humano

popular, adj. (1. popular). 1. Pertencente ou relativo ao povo; próprio do povo. 2. Comum, usual entre o povo; linguagem popular. 3. Adaptado à compreensão.

Nôvo Dicionário Brasileiro/ Melhoramentos

Quando falo de cultura, refiro-me a instrumentos, cantos, modos de pensar e de agir, que foram trazidos de uma outra raça, um outro local, dentro de um contexto social, com seus valores e concepções que são implementados socialmente.

Esses objetos e modos de pensar, ao passar do tempo, se tornam "coisas populares", que, simbolicamente, representa uma identidade da nação.

"Um grande número de autores pensam a 'cultura popular' como 'folclore', ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (...) consideradas 'tradicionais'". (Arantes, 1981, p.16).

Outros autores acreditam serem essas manifestações culturais tradicionais como "resíduo da cultura 'cultura' de outras épocas (...), filtrada ao longo do tempo pelas sucessivas camadas de estratificação social" (Arantes, 1981, p.16). Isso faz com que as tradições nacionais se apresentem de uma forma deturpada, modificada.

Os gestos, as palavras, os objetos, os movimentos, podem permanecer os mesmos, mas o significado deles se altera, a medida em que se altera o contexto em que estão inseridos.

Parece estar clara a idéia de que a cultura é constituída de símbolos, e estes símbolos possuem significações, ou seja, a cultura se constitui de conjuntos de significações.

Segundo Arantes, convém interpretar os símbolos, como produtos de homens reais, que "articulam pontos de vista a respeito de problemas colocados pela estrutura de sua sociedade" (p.35).

A partir do momento que a sociedade está articulada economicamente e politicamente, que permita um isolamento de seus "segmentos constitutivos", os grupos, no caso, podem desenvolver modos de vida totalmente independentes, tendo a cultura como um sistema de ação e representação, porém estes grupos são interdependentes em termos funcionais.

CAPÍTULO IV

O FOLCLORE

" *folclore* (lô), s.m. (ingl. folk-lore). 1. *Costumes tradicionais, crenças, superstições, cantos, festas, indumentárias, lendas, artes, etc. conservados no seio de um povo.* 2. *Parte da Antropologia cultural que estuda êsses elementos; "cultura do geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade, do heróico no cotidiano"* (Câmara Cascudo)

Nôvo Dicionário Brasileiro/ Melhoramentos

Folclore, para alguns, é "tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares" (Brandão, s.d., p.23). Câmara Cascudo define folclore com 'a cultura do popular tornada normativa pela tradição'.

Pode-se dizer que folclore é costumes e tradições populares.

Em 1878, os ingleses fundaram a Sociedade de Folclore e consideravam como objeto de seus estudos:

"- As narrativas tradicionais, como os contos populares, os mitos, lendas e estórias de adultos ou de crianças, as baladas, 'romances' e canções;

- Os costumes tradicionais *preservados e transmitidos oralmente de uma geração à outra, os códigos sociais de orientação da conduta, as celebrações cerimoniais populares;*

- Os sistemas populares de crenças e superstições *ligados à vida e ao trabalho, englobando, por exemplo, o saber da tecnologia rústica, da magia e feitiçaria, das chamadas ciências populares;*

- Os sistemas e formas populares de linguagem, *seus dialetos, ditos e frases feitas, seus refrões e adivinhas"* (Brandão, s.d., p.28-29).

Diversos estudiosos do folclore têm visões diferentes sobre o folclore, mas foi Franz Boas, um antropólogo alemão que viveu nos Estados Unidos, que mais deu margem a polêmicas aqui no Brasil, ao definir o folclore com um 'aspecto da Etnologia que estuda a literatura tradicional dos povos de qualquer cultura' estendendo, assim, o folclore à cultura primitiva (a dos índios, no Brasil), e considerando-o como "uma disciplina diferenciada de uma ciência, a Antropologia, e não como um a ciência autônoma" (Brandão, s.d., p.29-30).

Para os brasileiros, existe um consenso do que seja folclore, na Carta de Folclore Brasileiro, escrita em 1951 no I Congresso Brasileiro de Folclore e descrita por Brandão (s.d.):

"1. O Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e

aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.

2. Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.

3. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não e essencialmente popular.

4. Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturais no exame e análise do Folclore" (p. 31-32).

Uma das características do folclore é a tradicionalidade. Isso não significa que é alguma coisa velha, defasada, conservadora. É sim, uma realidade concreta, dinâmica, numa constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade.

O folclore é algo que foi criado, aceito e coletivizado e com o tempo foram sendo esquecidas as autorias e modificados os elementos de origem, retraduzindo tudo como um conhecimento coletivo, popular. Essa coletivização é o suporte para a dinâmica do folclore. Esse folclore é absorvido pela comunidade de praticantes e

incorporado por ela na sua maneira de agir, pensar, sentir, modificando-o e transformando-o, dando origem a inúmeras variantes. É algo não codificado, pois o ser humano é um ser criativo e recriador

No estudo do folclore, os pequenos detalhes devem ser reparados, como, por exemplo, o aspecto de uma dança, o estilo de saia usada pelas "dançarinas", os detalhes rústicos de uma casa e assim por diante. Buscar a origem do fato estudado, também é importante. Além de tudo isso, tem-se a parte mais complexa do estudo folclórico, que é procurar "compreender *o que é*, afinal, e *o que vale* o folclore na cultura e na vida social.

Sendo uma expressão de uma vida social, o estudo folclórico deve descrever a estrutura de um ritual e o processo ritual. Depois de estudos etnográficos, relacionar uns com os outros. Há semelhanças? Há diferenças?

Temos que compreender o fato folclórico dentro do espaço de cultura do qual ele faz parte.

Segundo Brandão (s.d., p. 107):

"Qualquer que seja o tipo de mundo social onde exista, o folclore é sempre uma fala. É uma linguagem que o uso torna coletiva. O folclore são símbolos. Através dele as pessoas dizem e querem dizer. A mulher poteira que desenha flores no pote de barro que queima no forno do fundo do quintal sabe disso. Potes servem para guardar águas, mas flores no pote servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez, de quem bebe a água e de quem, vendo as flores, lembra de onde veio".

CONCLUSÃO

O sistema educacional, visa um desenvolvimento cultural, intelectual, corporal, enfim, uma formação integral do aluno nos aspectos bio-psico-sociais, transmitindo interesses e valores com base no contexto social, econômico, político e cultural.

Enquanto fenômenos pedagógicos, as manifestações culturais devem ter um espaço dentro da escola, assim como já os tem a festa junina, o desfile de 7 de setembro, etc.

A capoeira enquanto manifestação cultural, cultura popular, com suas características determinadas pelo contexto social, econômico e político, e mais, enquanto uma atividade motora, pode ser inserida no sistema educacional.

O vôlei, o basquete, o hand^{bol} são atividades motoras que usualmente são desenvolvidas nas aulas de Educação Física escolares. Essas práticas em sua maioria, são ensinadas de uma forma sistemática, visando apenas a perfeição de movimento, o movimento correto, sem vinculá-los, por exemplo, à compreensão do esporte, que permita ao aluno questionar a elaboração das regras. É preciso entender o jogo, e não apenas saber jogar.

A capoeira, como atividade motora, pode fazer parte do currículo escolar, assim como já se faz em estados que tem a capoeira como folclore. Mas ele deve

aparecer não como mais uma atividade física, mas sim como uma atividade significativa dentro do sistema educacional. Isto porque a capoeira tem uma história, que poderia ser transmitida aos alunos através dos movimentos, utilizando-se da musicalização (ritmo) e de seus cantos que, como foram mostrados, retratam fases da história da capoeira e indiretamente da história brasileira.

Dessa forma, a capoeira cria condições para os educandos se tornarem sujeitos de sua própria história, crescendo de forma significativa o seu potencial cultural.

Bibliografia

- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 14^o edição, São Paulo: Brasiliense, 1981
- AREIAS, das Areias. *O que é capoeira*. 2^o edição, São Paulo: Brasiliense, 1984
- BETTI, Mauro. *Como impedir o desenvolvimento da Educação Física enquanto ciência ou a cienciologia da educação física*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 8, 1987, p.155-157
- _____. *Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para que?* Revista Brasileira de Ciências do Esporte 13, 1991, p.282-286
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 10^o edição, São Paulo: Brasiliense, s.d.
- BRITO, Reinaldo. *A arte da capoeira na Bahia*. s.d.
- CAPOEIRANDO. Campinas, Tecgraf, 1995. Trimestral
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil / Pesquisa e Notas*, Brasil-Portugal, editora Fundo de Cultura, 1967

Curso de Capoeira Regional - parte do LP / K7 Curso de Capoeira Regional, s.d.

DAÓLIO, Jocimar. *Educação Física escola: uma abordagem cultural*. IN: PICCOLO, Vilma L. Nista (organizadora). *Educação Física Escolar: ser... ou não ter?* São Paulo: ed. UNICAMP, 1993, p.49-57

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. 3º edição, São Paulo: Scipione, 1992

GAVIÃO, José Júlio de Almeida. *Estratégias para a aprendizagem esportiva: uma abordagem pedagógica da atividade motora para deficientes visuais*. (tese de mestrado). Campinas, 1995, p.16-28.

GO TANI: *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. IN: COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

JARDIM, Marta Lima. *Capoeira*. Campinas, 1993, 24p.

JORNAL MUZENZA, nº 2. Curitiba, março / abril, 1995

Nestor Capoeira e Tony / Mestre Burguês - 1 fita sonora (60 minutos), 1991

Nôvo Dicionário Brasileiro. 6º edição, São Paulo: Melhoramentos, 1970

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é Educação Física*. 4º edição, São Paulo: Brasiliense, 1983

REGO, Waldeloir. *Capoeira de angola - Ensaio Sócio - Etnográfico*. Bahia: Itapuã, 1968

SANTOS, Luís Silva. *Educação / Educação Física / Capoeira*. Maringá: Fundação Universidade de Maringá, 1990

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 7, , 1986, p.89-91

_____. *Educação Física escolar: questão médica ou pedagógica*. Revista Brasileira Saúde escolar, 1990, p.31-35

VIEIRA, Selma Lino. Ritmo e movimento; Capoeira uma proposta consciente de Educação Física escolar.(monografia). Santo André, 1994, 23p.

ZULU. *Depoimento sobre o ideário Beribazu de Capoeira*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 1 (Anais), ICEA, 1989, p.64-68